

THE CHARGE OF THE LIGHT BRIGADE / 1936

(A Carga da Brigada Ligeira)

um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / **Argumento:** Michael Jacoby e Rowland Leigh segundo uma história original de Michael Jacoby / **Fotografia:** Sol Polito / **Efeitos Especiais Fotográficos:** Fred Jackman / **Música:** Max Steiner / **Montagem:** George Amy / **Realizador de 2ª Equipa:** E. Reeves Eason / **Intérpretes:** Errol Flynn (Major Geoffrey Vickers), Olivia de Havilland (Elsa Campbell), Patrick Knowles (Cap. Perry Vickers), Henry Stephenson (Sir Charles Macefield), Nigel Bruce (Sir Benjamin Warrenton), Donald Crisp (Cor. Campbell), David Niven (Cap. Randall), C. Henry Gordon (Surat Kahn), G. P. Huntley Jr. (Major Jowett), Robert Barrat (Conde Igor Volonff), Spring Byington (Lady Octavia Warrenton), E. E. Clive (Sir Humphrey Harcourt), Lunsdan Hare (Cor. Woodward), J. Carroll Naish (Puran Singh), Walter Holbrook (Barclay).

Produção: Warner Brothers / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, versão original legendada em português, 115 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em 31 de Outubro de 1936 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, em 13 de Dezembro de 1937 / **Reposições:** Capitólio, 6 de Dezembro de 1949, e na década de 60.

The Charge of the Light Brigade foi a primeira vítima do tremendo sucesso comercial que teve **Lives of a Bengal Lancer**. Já em preparação avançada, foi delineada uma nova estratégia e refeito o seu argumento de forma a utilizar alguns dos seus motivos. Quem sofreu desde logo foi a História sujeita a tratos de polé para levar os “lanceiros da Índia” até Balaclava até à famosa carga onde o Major Geoffrey Vickers (Errol Flynn) vai conduzir os seus homens para uma morte gloriosa ao som da música de Max Steiner e com os versos de Tennyson como legenda. Uma carga que teve lugar cinco anos antes do massacre de Cawnpore (Chukoti no filme) que culmina a primeira parte do filme de Michael Curtiz. Mas já estou a adiantar-me, como o argumentista.

Logo no começo de 1936, Hal Wallis (então um dos principais produtores da Warner Brothers onde vai ser o responsável por alguns dos melhores filmes de Curtiz, Raoul Walsh e John Huston), convoca os colaboradores para um visionamento privado do filme a fim de reelaborar a nova produção tendo em conta a resposta do público. Nos meses seguintes o argumento sofre as alterações referidas e para a figura de Vickers é escolhido Errol Flynn que, no ano anterior, se tornara a coqueluche do público com **Captain Blood**. **The Charge...** iria confirmar e aumentar a popularidade do actor que se manteria na crista das vagas (fórmula apropriada dada a frequência com que sulcou os mares como aventureiro, na tela mas também na vida real) durante uma década. Foi neste filme também que Flynn ostenta pela primeira vez o fino bigode que se tornará uma das suas marcas mais características e que praticamente não abandonará no resto dos seus filmes. Mas antes que se tomasse o seu “ex-libris” levantou algumas dúvidas, tendo sido Jack Warner que defendeu, depois de visionar os ensaios, a manutenção do apêndice capilar. A etapa seguinte era a vedeta feminina. O papel da jovem Elsa, que divide os irmãos Vickers, estava em princípio previsto para Anita Louise, então sob contrato, mas, para além do perfil pouco britânico

que lhe foi apontado, outro argumento de peso se levantou no horizonte de Jack Warner: as receitas de **Captain Blood**, cuja popularidade vinha em grande parte da fusão perfeita do par romântico. Mais do que qualquer outro motivo foi essa a razão que esteve na origem da escolha de Olivia de Havilland para o papel. A fórmula funcionou tão perfeita que seria repetida em mais seis filmes com o êxito sabido.

Para dirigir **The Charge...** foi escolhido Michael Curtiz, veterano de origem húngara, saído do seu país de origem depois do esmagamento do regime socialista de Bela Kun, e com uma carreira internacional, tendo trabalhado na Áustria, Alemanha e França antes de entrar para os quadros Warner Bros, onde se tornaria um dos nomes mais importantes, assinando alguns dos maiores sucessos da companhia, chegando por vezes a confundir-se o estilo de um e do outro. Curtiz tinha a fama de ser um cineasta duro e exigente, fama que Flynn comprovou na rodagem de **Captain Blood**. Daí a reacção de pânico quando soube que voltaria a trabalhar com ele. As relações foram-se degradando até ao ponto de Flynn se recusar a trabalhar com Curtiz em **They Died with Their Boots On**, sendo substituído por Raoul Walsh. Curtiz, durante as filmagens de **The Charge...**, fez jus à fama, a dar crédito a textos autobiográficos de David Niven ("Bring On The Empty Horses" cujo título o actor foi buscar à famosa expressão de Curtiz durante a rodagem, que provocou a hilaridade dos figurantes destinados a cavaleiros), de Flynn e de livros em volta da controversa personalidade deste último. Em "Errol Flynn - The Untold Story", de Charles Higham, para além de apontar as provocações mútuas entre o realizador e a vedeta, destaca-se o facto do perigo que as filmagens correram quando um pedido de extradição caiu sobre Flynn por alegadas actividades nazis. Só a pressão do Juiz Hays, eminência parda de Hollywood, por influência de Jack Warner que receava perder a mina de ouro que Flynn se revelara, pôs um travão ao processo.

The Charge of the Light Brigade talvez seja, com **Beau Geste** de Wellman, o mais perfeito filme que jamais se fez sobre aquele espírito heróico, típico de um certo olhar militarista, revivendo códigos de honra idealizados pela literatura sobre o Império e a propaganda dos seus valores. Nunca mais tal espírito voltou a impregnar um filme da mesma forma que o faz em **The Charge...** Tudo nele conflui para a exaltação desses valores, tomando-se, no cômputo final, um dos mais perfeitos exemplos de um filme de propaganda. Se os seus valores podem ser contestados, a sua eficácia é total (uma das reposições do filme, entre nós, teve lugar em plena guerra colonial). Os conflitos entre militares (os dois irmãos divididos pelo amor de Elsa) apagam-se totalmente perante o conceito da amizade viril e do sentido do dever. Mas, neste sentido, **The Charge...** vai mais longe do que **Lives of a Bengal Lancer** ao fazer a apologia do puro individualismo. Apesar de tudo, a ruptura com os códigos militares (a deserção) dos heróis de **Lives...** e de **Gunga Din** tem por pretexto a amizade e o conhecimento de factos que os superiores se recusam a aceitar, cabendo-lhes impedir uma hecatombe que vitimaria grande número dos seus companheiros. A operação que termina com a vitória "in extremis" é a recompensa dos temerários soldados. Em **The Charge of the Light Brigade**, o que move Vickers é a pura vingança, o ódio ao inimigo que chacinou militares e civis debaixo dos seus olhos. Ódio visceral, irracional que o faz desobedecer às ordens do quartel-general lançando-se na temerária e suicida carga. Se é, com **Beau Geste**, o filme mais perfeito do género, é, porém, o mais vulnerável a acusações de racismo. Se todo este género da epopeia colonial se inscreve no quadro da superioridade da civilização ocidental e colonizadora, destacando em especial o "white man's burden" de que Kipling falava, **The Charge...** surge como um dos filmes mais maniqueístas da década. Se os brancos podem cometer erros, há sempre algo que os justifica, mesmo a atitude do quartel-general ditada pela prudência. Diametralmente oposta é a apresentação dos indianos, volúveis, traiçoeiros, mentirosos. Mas este mesmo maniqueísmo, dado, porventura, o seu excesso, acaba por se anular a si próprio. Como num jogo de polícias e ladrões, de cowboys e índios, em que o bom e o mau não são mais do que uma convenção aceite tacitamente por todos os intervenientes. Fica o respeito pelas regras e a consagração da epopeia. Deste ponto de vista é difícil encontrar filme que sobreleve em eficácia **The Charge...**, tanto pela figura dos heróis (Flynn, Patrick Knowles, na figura do irmão, e David Niven) como pelo clima de emoção onde se

junta a qualidade excepcional da fotografia do grande Sol Polito, e repare-se na fabulosa sequência da evasão de Kandall (David Niven) do forte, com a iluminação nocturna, e a música grandiloquente de Max Steiner. Ela tem importância particular na incomparável sequência da carga de cavalaria, de que será muito difícil encontrar qualquer paralelo em toda a história do cinema.

E chegámos ao ponto fulminante. Curiosamente essa célebre sequência ficou a cargo dos assistentes e do realizador de segunda equipa. Um dos primeiros, Jack Sullivan, receberia um Óscar pelas sequências de acção de **The Charge...**, mas é ao segundo que cabe a maior parte da glória dessa famosa carga que preenche a última bobina. O seu nome é Reeves Eason e é um daqueles anónimos realizadores B que se encarregavam das complicadas sequências de acção dos filmes dos nomes consagrados. A sua influência não é de desdenhar e são credores da nossa admiração. Valeria a pena um Ciclo que destacasse os seus trabalhos. Só Reeves Eason tem, à sua conta, para além desta espantosa carga, a corrida de carros de **Ben Hur**, de Wyler, o incêndio de Atlanta em **Gone with the Wind** e a cavalgada que reúne os cowboys em **Duel in the Sun**, para além de se ter destacado como um dos mais interessantes realizadores de "serials" (**Undersea Kingdom**). É certo que a orquestração geral é, naturalmente, da responsabilidade de Curtiz, mas a direcção pertence a estes ignorados colaboradores (que muitas vezes nem têm o seu nome no genérico). A cavalgada abre com os versos de Tennyson sobre a película, enquanto a música marcial de Steiner começa a pontuar o lento movimento dos cavaleiros. A pouco e pouco este vai aumentando de ritmo, primeiro um ligeiro trote, depois um movimento mais veloz, até culminar numa furiosa cavalgada acompanhada num vibrante "travelling", intercalado por "inserts" das explosões, quedas de cavalos e grandes planos de um e outro lado. Esta cavalgada, apesar de todos os cuidados, na busca do máximo de realismo, deixou vítimas pelo caminho. Rezam as crónicas que dali resultou um morto e vários feridos, para além de inúmeros cavalos que tiveram de ser abatidos devido aos ferimentos irreversíveis das aparatosas quedas. Flynn e outros protestaram contra os abusos e a violência que provocou tantas baixas entre os animais, o que teve como resultado que Warner enviasse uma segunda equipa (Eason?) para o México, para filmarem as aparatosas quedas dos cavalos dadas as quase inexistentes leis de protecção dos animais naquele país.

Desta profusão de acontecimentos resulta um filme assombroso que, para além dos referidos "pecados" de que queiram acusá-lo, é um dos mais espectaculares (Que digo eu? O mais espectacular) de todos os filmes da década de trinta que só por si tem a parte de leão na produção dos grandes filmes de aventuras. Para além das conotações ideológicas que lhe queiram atribuir, **The Charge of the Light Brigade** é um filme irresistível, que provoca um frémito de emoção quando sobre as imagens da cavalgada surgem os versos de Tennyson ("Into the Valley of Death / Rode the six Hundred") e se ouve a música de Steiner.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico